

Livros & Ideias

Guilherme Braga da Cruz ou o Triunfo da Espiritualidade

Herdeiro de Paulo Merêa na disciplina de “História do Direito Português” e de Cabral de Moncada na disciplina de “Direito Romano”, Guilherme Braga da Cruz percorreu com naturalidade os diversos degraus do *cursus honorum universitatis*.

Acaba de sair do prelo a obra *Guilherme Braga da Cruz – Uma Biografia. 1916-1977*, da autoria de Manuel Braga da Cruz, seguramente a melhor até à data publicada a respeito do assunto e, tanto quanto é lícito prever, dificilmente superável em termos formais e substanciais. Apoiada em fontes primárias ou de primeira mão – metáfora que Cícero introduziu na linguagem jurídica e Tito Lívio depois ampliou, tendo-se generalizado a partir de Justiniano –, a obra reúne elementos orais, vivenciais, ambientais, iconográficos, diplomáticos e narrativos cujo valor epistemológico se revela indiscutível. Na sua multiplicidade e heterogeneidade, tais fontes convergem para traçar o perfil de uma das figuras mais insinuantes do século XX português.

Nascido em Braga, em Junho de 1916, no seio de uma família católica, Guilherme Braga da Cruz frequentou o Liceu de Sá de Miranda e a Faculdade de Direito de Coimbra, tendo sido o melhor aluno do seu curso em ambas as instituições. Uma vez concluída a Licenciatura partiu rumo ao Estrangeiro (Paris e Madrid) a fim de aprofundar os seus conhecimentos no domínio das ciências histórico-jurídicas e preparar a sua dissertação de Doutoramento, que deu à estampa em 1941 sob o título *O direito de Troncalidade e o regime jurídico*

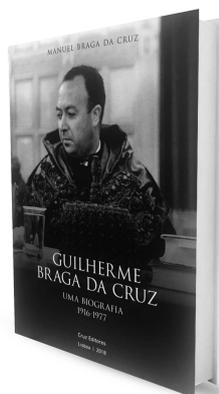


POR
**Gonçalo
Sampaio
e Mello**

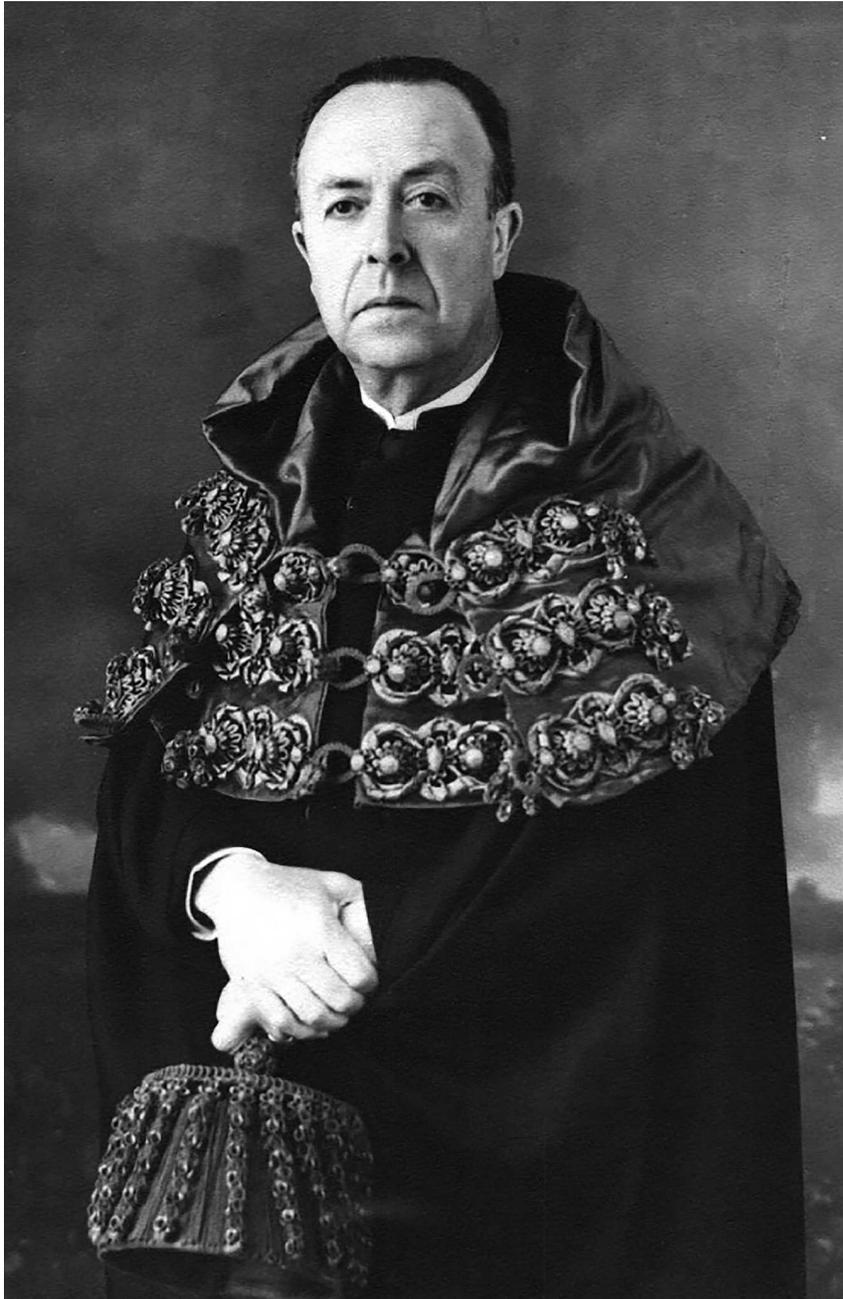
Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e Coordenador do respectivo Arquivo Histórico.

do Património Familiar. Aprovado na Sala dos Capelos com a menção de «Muito Bom, 18 valores», viu-se contratado como docente da Faculdade de Direito de Coimbra, escola à qual se manteve vinculado até ao fim dos seus dias e da qual foi sucessiva, alternada ou concomitantemente, Assistente, Professor

Extraordinário, Professor Catedrático, Secretário, Bibliotecário e Director. Pedagogo na verdadeira acepção do vocábulo, formador de gerações universitárias, pertencem a Aníbal Mendonça, seu antigo aluno, as palavras que seguidamente se reproduzem: “Era um estudioso sempre atento, um espírito metódico e organizado, com uma memória privilegiada; tinha uma voz segura, harmoniosa, cheia de amplas ressonâncias, quase de declamador teatral, que se ouvia com agrado mesmo quando se discordava ou expunha temas árdios; uma presença robusta, garbosa, soberana, a frente alta, de olhos rasgados e pensativos, inspirando simpatia à primeira vista e, depois, logo confirmada ao primeiro contacto pessoal. Cortez, simples, possuía uma grande serenidade a par de uma grande firmeza, dispunha de uma notável coragem moral,



Manuel Braga da Cruz
Guilherme Braga da Cruz
– Uma Biografia. 1916-1977
Cruz Editores, 2018



de uma perfeita independência política e de uma discreta maneira de se afirmar, não desejando nunca hostilizar quem quer que fosse, embora permanecesse inalteravelmente fiel aos seus princípios e às suas convicções; gostava de aprender, de saber, de aprofundar as questões, meditando no seu gabinete e, ao mesmo tempo, de ensinar, de conviver com os colegas e os alunos, para os quais se mostrava delicado no trato e benevolente na apreciação; e cumpria com rigor,

com escrúpulo, mesmo com austeridade, em todos os planos, os seus deveres sociais e profissionais.” “Visto à distância, na força dominadora do seu semblante de pensador e da sua bela e vigorosa figura, de ombros bem erguidos, tinha alguma coisa de bloco granítico, como o daquelas esculturas que ornamentam perenemente as vias e as praças da extinta Roma imperial.”

Herdeiro de Paulo Merêa na disciplina de “História do Direito Português” e de Cabral

de Moncada na disciplina de “Direito Romano”, Guilherme Braga da Cruz percorreu com naturalidade os diversos degraus do *cursus honorum universitatis*, tendo sido, no Paço das Escolas, Reitor da Universidade de Coimbra, Director da respectiva Biblioteca Geral, Presidente da Fundação Rangel de Sampaio, Vice-Presidente do Centro Académico de Democracia Cristã e, fora dele, Lugar-Tenente de D. Duarte Nuno de Bragança, Vice-Presidente da Câmara Corporativa, Advogado de Portugal contra a União Indiana junto da Suprema Corte de Haia e fundador da Universidade Católica Portuguesa. Homem incorruptível e cristão modelar, afirmou-se no campo do pensamento e da acção como essencialista, tradicionalista, jusnaturalista, corporativista e personalista, contrapondo-se, a um só tempo, ao atomismo libertário, ao socialismo igualitário e ao colectivismo totalitário. Autor de dezenas de estudos históricos, jurídicos, pedagógicos, sociais e religiosos, partiu deste mundo em Março de 1977. Contava 60 anos de idade.

* * *

Não constitui tarefa fácil ser historiador e ainda menos o é ser biógrafo. Trata-se de estatuto que requer um conjunto de qualidades pouco comuns, inatas umas, adquiridas outras, como sejam competência heurística, aptidão hermenêutica, intuição psicológica, probidade moral, experiência documental, objectividade científica, domínio da linguagem, *esprit de finesse*, talento construtivo, conhecimento da história das mentalidades e, sobretudo, respeito pelo passado, melhor dizendo, respeito pela verdade. Ora todas estas virtudes afloram na obra que Manuel Braga da Cruz acaba de publicar, mau grado a sua opulência: 24 capítulos, 617 páginas de texto, 27 páginas de cronologia e bibliografia, 146 imagens.

De entre os muitos aspectos nela dignos de menção, cumpre relacionar os seguintes:

- Papel desempenhado pela Família, pela Companhia de Jesus e pelo Centro Académico de Democracia Cristã na formação moral e espiritual do biografado.
- Adesão de Guilherme Braga da Cruz à Monarquia como regime e sua recusa em jurar fidelidade à República, acto que o conduziu à prisão.
- Contacto travado com vultos grandes da política, da cultura e da sociedade

portuguesas, a exemplo de Oliveira Salazar, Pedro Teotónio Pereira, Paulo Cunha, Vitorino Nemésio, Orlando Ribeiro, Hernâni Cidade, Jacinto do Prado Coelho, Ruben A., Maria de Lourdes Pintasilgo, Azeredo Perdigão, Franco Nogueira, Adérito Sedas Nunes, Costa Pimpão, Jorge Dias.

- Contacto travado com figuras eminentes da política, da sociedade e da cultura estrangeiras, designadamente Juscelino Kubitschek, Francisco Franco, Simeão da Bulgária, Álvaro d' Ors, Rafael Gibert, López Rodó, Fraga Iribarne, Maurice Duverger, Paul Ourliac, Francisco Ponz, Estanislao Cantero, Legaz y Lacambra, Pedro Calmon, Gilberto Freyre.
- Contacto travado com figuras de referência do clero nacional e internacional, a exemplo dos Cardeais Spellman, De La Torre, Beras, Garrone, Cerejeira, Alvernaz, dos Núncios Apostólicos Furstenberg e Fernando Cento, dos Bispos Manuel Trindade Salgueiro, António Bento Martins, António dos Reis Rodrigues, José do Patrocínio Dias, Eurico Dias Nogueira, António Ferreira Gomes, dos Cónegos Lopes de Melo, Avelino de Jesus da Costa e Urbano Duarte, dos Padres Bacelar e Oliveira, Pedro Abellán, Manuel Antunes, Júlio Fragata, Domingos Maurício e Lúcio Craveiro da Silva.
- Papel desempenhado pelo Mestre de Coimbra no seio da Câmara Corporativa, *v.g.* no que toca à elaboração de pareceres em torno da Assistência aos Funcionários Civis Tuberculosos, do Plano de Formação Social e Corporativa, das Organizações Circum-Escolares, de Alterações ao Código Administrativo em vigor.
- Recusa do convite que em 1954 lhe foi dirigido por Oliveira Salazar para sobraçar a pasta da Justiça, preferindo indigitar para o cargo o nome de Antunes Varela.
- Intervenção no seio da Comissão Redatora do novo Código Civil, seguramente a maior obra legislativa levada a cabo entre nós no século XX.
- polémica sobre a fundação da Universidade, apoio que recebeu do Infante D. Henrique e sua transferência para Coimbra, incluindo a tentativa de falseamento da verdade histórica levada a efeito por Marcello Caetano enquanto

Reitor da Universidade de Lisboa.

- Doutoramento *honoris causa* de Guilherme Braga da Cruz pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Navarra, galardões que recebeu das mãos de Ernesto Leme e de S. Josemaría Escrivá de Balaguer.
- Recusa do exercício de funções alheias ao foro universitário a fim de salvaguardar a sua independência face ao poder político e ao poder económico (*v.g.* as de Administrador-Delegado junto da C. P. e de Presidente da Assembleia-Geral do Banco de Portugal).
- Intervenção junto do Tribunal Internacional de Justiça da Haia no pleito que opôs o Estado Português à União Indiana e relato da tentativa levada a efeito por Inocêncio Galvão Telles para fazer recair sobre a sua pessoa os louros da vitória nesta contenda.
- Defesa jurídico-canónica de D. Sebastião Soares de Resende, Bispo da Beira, no litígio que o opôs ao Governador-Geral de Moçambique, gesto que lhe valeu uma benção apostólica, autógrafa, firmada pelo Papa Paulo VI.
- Reitorado de Guilherme Braga da Cruz e suas vicissitudes, mandato inglorioso que culminou com a respectiva demissão do cargo por discordar da “forma desastrosa” como o Governo da época enfrentou a chamada «crise académica».
- Papel desempenhado pelo Mestre de Coimbra na direcção da Biblioteca Geral da Universidade, seja no que toca ao restauro do fundo joanino, seja na ampliação do quadro do pessoal administrativo, seja na recolha da livraria do Visconde da Trindade.
- Denúncia da vaga de nepotismo que varreu o Ministério da Educação Nacional quando o titular da pasta foi o Ministro Veiga Simão, a qual incluiu actos de prepotência, demagogia, favorecimento ilícito, coacção moral e corrupção.
- Processo de saneamento de Guilherme Braga da Cruz, injúrias que sofreu no Paço das Escolas e mandado de captura contra si emitido pelas autoridades militares, actos que obtiveram o aval – por acção ou omissão – de Vasco Gonçalves, Primeiro-Ministro, José Joaquim Teixeira Ribeiro, Vice-Primeiro-Ministro, José Emílio da Silva, Ministro da Educação e Cultura, António José Avelãs Nunes, Secretário de Estado do Ensino

Superior e António Manuel Hespanha, Director-Geral do Ensino Superior, todos eles então afectos à orientação do Partido Comunista Português.

- Morte de Guilherme Braga da Cruz, ocorrida em Março de 1977, e juízo de valor que a respeito da vida e da obra do Mestre de Coimbra formularam os seus contemporâneos, a saber: S. Contardo Ferrini português (Avelino de Jesus da Costa), Charles de Montalembert (Manuel Trindade Salgueiro), varão de Plutarco (Martim de Albuquerque), monge do Século (Gabriel de Sousa), Santo canonizável (Mário Bigotte Chorão), Homem para a Eternidade (Francisco Lucas Pires), Justo na Cidade (José da Cruz Policarpo), S. Thomas More (Manuel de Almeida Trindade), paradigma da Nobreza antiga (Joaquim Veríssimo Serrão), verdadeiro homem de Dios (José Orlandis Rovira), Santo na terra (Marcelo Rebelo de Sousa). Um deles, Alberto da Rocha Martins, que esteve presente em Tadim no enterro do Mestre, exarou quanto segue: “Desapareceu relativamente novo; muito poderíamos esperar ainda da sua prodigiosa capacidade e do seu talento. As circunstâncias da vida, as incompreensões e injustiças, apesar da ténpera forte do carácter, não passam sem nada deixar; elas corroem, martirizam, desgastam, matam. O Professor Braga da Cruz sucumbiu, embora tivesse a envergadura do roble. Estendido, tombado no seu ataúde, dava a impressão de que era ainda maior. Coisa estranha, que certos homens só possam ser vistos em toda a sua grandeza quando caídos. Só assim a vista alcança a sua estatura. Braga da Cruz foi um homem destes.”

* * *

Homens há, na verdade, que constituem o símbolo de uma época, a marca de uma geração e, na cadência inerente à ordem natural das coisas, configuram um modelo a seguir. Guilherme Braga da Cruz foi um desses homens.

Quem percorrer a biografia de que nos vimos ocupando compreenderá porquê. Eis um livro infungível, incomparável, uma obra a não perder. *Spiritus flat ubi vult*, lê-se no Evangelho de S. João. Assim parece ser, com efeito. ■